

“Meu pai pra mim era um som de máquina de escrever”

Paulo Eduardo Benites de Moraes

Peres, Ana Maria Clark. *Chico Buarque: recortes e passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, 236 p.

O novo livro publicado pela professora e pesquisadora Ana Maria Clark Peres, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), se mostra um estudo referencial para quem lida com a obra de Chico Buarque.

Chico Buarque: recortes e passagens reúne ensaios como resultados de investigações realizadas desde março de 2008, como nos informa, em nota, a própria autora. Vários ensaios foram apresentados em eventos científicos, outros publicados em revistas e periódicos especializados da área de Letras/Literatura, e como forma de uma síntese de um longo trabalho de investigação são compilados na obra que veio a lume no final de 2016.

Além dos ensaios reunidos, que versam sobre diversas passagens e momentos da obra de Chico Buarque, o livro nos brinda com uma entrevista inédita realizada na primavera de 2015, em Paris, com o próprio autor. Intitulada “Conversa com Chico Buarque”, a entrevista tem como ponto de partida um interesse na relação entre pai e filho, Chico e Sérgio, assunto de umas das últimas pesquisas da professora Ana Clark em torno da obra de Chico Buarque: “Chico Buarque e Sérgio Buarque de Holanda: interlocuções”. Mas como uma boa conversa, o assunto sempre envereda para outros cantos.

É conhecido, hoje, o volume de estudos críticos em torno da obra de Chico Buarque. Todavia, o trabalho de Ana Clark, além de valorizar, como tantos outros estudos, as canções e os livros de Chico Buarque, se vale, também, de um arcabouço teórico, em momentos pontuais e estruturantes de sua pesquisa, advinda da psicanálise de orientação lacaniana.

O livro da pesquisadora Ana Clark, por se tratar de uma reunião de ensaios, o que, em um primeiro momento, justifica o subtítulo “recortes e passagens”, tem o grande mérito de reconhecer na obra de Chico Buarque a correlação entre música e literatura.

Para a pesquisadora, é imprescindível que entendamos o trabalho de Chico Buarque como um *continuum* entre letras e músicas.

Nesse ponto, as pesquisas revelam que não há uma separação entre um “Chico-compositor” e um “Chico-escritor”, ainda insistente entre muitos leitores e críticos. Mesmo Chico Buarque já consagrado pelo universo da música, e tendo iniciado sua carreira como escritor somente quando da publicação de *Estorvo*, anos mais tarde, não há como separarmos a produção artística de Chico em duas vias que não convergem entre si. Isso fica claro após a leitura dos ensaios de Ana Clark, pois o leitor consegue perceber como há muito de música, ou musicalidade, nos romances de Chico Buarque. Essa é uma das passagens da obra de Ana Clark que não são exploradas ao longo dos ensaios, mas fica a abertura para que os leitores consigam perceber esta relação.

Ao tratar dessas questões em torno da produção de Chico Buarque, é fulcral a percepção de Ana Clark em torno das polaridades no interior da obra de Chico. Segundo a pesquisadora, a obra de Chico Buarque apresenta-se como desdobramento dos pares “nacional/estrangeiro; popular/erudito; público/privado; masculino/feminino” (pp. 23-4). Reduzidos tais pares a quatro, o saldo geral dessa aparente contradição resulta em um único par opositor: “o dentro e o fora”.

Falo em aparente contradição, pois é justamente nesse ponto que reside a grande sacada da pesquisadora. Para ela, a obra de Chico Buarque constrói-se na tensão do que está dentro e do que está fora; num sentido mais profundo, é a harmonia dos contrários, em última instância, uma obra oximórica. E tal questão justifica a presença psicanalítica da pesquisa de Ana Clark, em um caminho contínuo, ancorado pela noção de *extimidade*, de J. Lacan.

A pesquisadora explica que a noção de *extimidade* aparece n’*O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise*, de Lacan. Nesse seminário, referindo-se à *La Chose* [A coisa], advindo das leituras de *Das Ding*, de Freud, Lacan fala de uma “exterioridade íntima”, criando, assim, o neologismo *extimidade*. Esse termo de Lacan propõe, portanto, a inter-relação do exterior e do íntimo (externo-interno; exterioridade-intimidade).

O ponto de partida do caminho que a pesquisadora percorre centra-se na relação do *bios* do autor. Uma relação em que há o trânsito de suas canções em seus livros, ao mesmo tempo em que há a passagem de sua vida pela sua obra. É o que afirma Sérgio Laia, no prefácio do livro de Ana Clark: “mesmo que nem eu nem Ana Clark sejamos especialistas em música, [é possível verificar] o quanto os romances de Chico

Buarque têm também a ver com o que nele já era música”.¹ Assim, percebemos os ecos de uma obra na outra, das vozes da memória da infância nas palavras dos romances de Chico Buarque.

Na continuação do caminho, a noção de *extimidade* justifica a relação vida e obra de Chico Buarque e estende-se para pensar a própria obra. Como bem lembrado no prefácio, corroboro a leitura de que a psicanálise, no livro de Ana Clark, não presta o *des-serviço* dos psicologismos que tomam a obra de assalto como sendo influenciada pelo que se passa na vida daquele que a cria. O que Ana Clark nos mostra, em suas análises, é como a questão da escrita está presente em Chico Buarque antes mesmo de ele ter se tornado compositor ou escritor.

Desse modo, a noção lacaniana ajuda a perceber e a manter o grande enigma da formação de Chico Buarque como artista, compositor e escritor. O grande embate reside na relação entre pai e filho, outra polarização presente na obra de Chico, advinda de sua própria vida.

Para esclarecer esse ponto, remonto ao título desta singela resenha: “Meu pai pra mim era um som de máquina de escrever”. O título da resenha repete o título de um dos ensaios de Ana Clark, justamente na parte do livro que trata da relação Sérgio e Chico. A questão da *extimidade* também passa por aqui. O título, no entanto, vem de uma das entrevistas de Chico Buarque:

[Na] primeira infância minha, meu pai era uma figura [...] meio distante. Eu me lembro muito dele no escritório [...], era um terreno sagrado dele [...] onde os filhos não tinham muito espaço. Quer dizer, um ou outro tinha, porque meu pai [risos] tinha disse: tinha a filha que ele paparicava mais e tal. E eu não era o filho paparicado. Então eu tinha um pouco de *temor*... [...] do espaço de meu pai. [...] A gente se encontrava mesmo na hora das refeições – do almoço e do jantar. *Meu pai pra mim era um som de máquina de escrever*. (p. 161)

Ana Clark, em sua obra, recorta o som da máquina de escrever de Sérgio Buarque de Holanda. Na “Conversa com Chico Buarque”, ao final do livro, eles lembram da biblioteca e da famosa máquina de escrever, lugar onde o pai datilografava os escritos e o filho não se autorizava a entrar, por temor.

1 LAIA, Sérgio. “O que se recorta, passa e pulsa”. In: PERES, Ana Maria Clark. *Chico Buarque: recortes e passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, pp. 11-19, p. 13.

É interessante notar como, nos ensaios de Ana Clark, somados às obras de Chico Buarque, está implícita a formação de um artista. Para Ana Clark, o ponto central é notar como Chico Buarque tem construído sua ficção mais recente a partir de “restos (um dos destinos do comum em sua obra, reitero) restos do pai” (p. 152).

O que é possível juntar dos “restos do pai” são os dois grandes eixos da obra de Chico Buarque: “som” e “máquina”, canção e literatura. Sem falar de toda a construção oximórica da obra de Chico Buarque, destacada por Ana Clark, que começa a fazer sentido ao notarmos como, desde antes de se descobrir escritor e compositor, Chico Buarque já rivalizava com os contrários.

Importante notar como o livro de Ana Clark traz à tona um grande enigma, desde há muito em nossa civilização: o enigma do pai. Chico Buarque não busca sanar em sua obra a ausência do pai, como fica claro nos textos e análises de Ana Clark, mas, como diria Manoel de Barros: “Ninguém é pai de um poema sem morrer”.²

Paulo Eduardo Benites de Moraes é Doutorando em Estudos Literários na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

2 BARROS, Manoel de. *Arranjos para assobio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, p. 27.